

VILÉM FLUSSER Como lêf sintomas.

Curiosa a ontologia que fundamenta a opinião islâmica e renascentista que o mundo da natureza é livro. Mais curiosa que as que fundamentam opiniões como as que afirmam ser o mundo da natureza sonho ou palco. Porque muito mais complexa. "Livro" é objeto extraordinário em vários sentidos. Por exemplo: é um rolo, (scroll), que foi cortado para formar centenas de folhas. O momento histórico no qual aconteceu tal cortar, no qual o rolo da Torá e do Organon por exemplo passaram a ser bíblia, (livros), representa por certo um corte na história do pensamento. Porque "folhar" e "desenrolar" são processos distintos. Se a natureza fôr livro, deve ser cortada em folhas para ser lida, isto é: seu desenrolar deve ser recortado. Outro exemplo: Livro é objeto guardável em bibliotéca, na qual dá as costas ao leitor, o qual precisa inverter a posição do livro para poder lê-lo. Se natureza fôr livro, deve ser guardável e invertível para ser lida. E deve, quando guardada, dar as costas aos seus futuros leitores. Exemplo final: Livro é objeto composto de folhas cujas duas faces são cobertas de linhas compostas de elementos distintos que significam algo, (letras). Lêr livro é descobrir o significado de tais elementos, individualmente e em contexto. Se natureza fôr livro, deve ter estrutura semelhante, e os elementos dos quais se compõe devem ser semelhantes a letras. Tal curiosa ontologia, (muito importante na história da ciência), formará o ponto de partida para o presente ensaio.

Alguns entre os presupostos de tal ontologia são estes: (a) a natureza tem autor, (b) tem receptor, (c) tem mensagem externa a si própria, (metafísica), (d) tem estrutura linear, (histórica), e (e) há acôrdo entre o autor e receptor da mensagem da natureza. O último presuposto mencionado é o mais interessante. O autor do livro concorda com o seu leitor quanto ao significado das letras que comporão o livro, e tal concordância é anterior à escrita e leitura. "Escrever" é codificar mensagem, "lêr" é decodificá-la, e o código deve ter sido aceito anteriormente pelos que escrevem e pelos que lêr para que livros existam. Na ontologia para a qual natureza é livro o código pré-existente à natureza pode ser concebido de várias maneiras. Pode ser, por exemplo, o Alcorão, ou a aritmética dos números ditos naturais, ou a geometria euclidiana. Mas em tôdos os casos tal código deve pré-existir à natureza, e tanto o autor da natureza quanto o seu futuro leitor devem concordar em aceitar o código como base da escrita e leitura. Em outros termos: o Alcorão, a aritmética, a geometria, (ou não importa que outro código), é "sobrenatural", "formal", "eterno", (ou qualquer outro atributo que articule a sua anterioridade com relação à natureza). Pois tal atributo entra em choque com o pressuposto (d), "Linearidade e historicidade" da ontologia considerada. Em choque extremamente produtivo para o pensamento do Ocidente.

VILÉM FLUSSER

O choque é este: a natureza-livro projeta a sua mensagem linearmente, de maneira que a mensagem será completa apenas na última página, (no último "dia"). Mas o código no qual a mensagem é articulada é extra-histórico e acessível extra-empiricamente, (pela fé ou teoria). Destarte o Alcorão é o "logos" do qual Deus e o homem participam no além da natureza, (da história), e natureza e história são significativos apenas graças a tal participação à "lógica" dos parceiros. A aritmética, a geometria, (e outros códigos formais), é igualmente acessível ao Deus-matemático e ao cientista no além da natureza e história, e estas são significativas apenas graças a tal participação "estrutural" dos parceiros. A dialéctica produtiva entre observação e teoria, (que é a dinâmica de toda leitura de livros), tem suas raízes neste tipo de ontologia. E é ela que caracteriza a ciência do Ocidente. De modo que tal ciência é muito mais islâmica e menos cristã que se supõe correntemente. Porque no cristianismo o "logos" não é o Alcorão, (código que permite a leitura da natureza), mas o Cristo. Tal consideração sugere que a evolução que resultará na ciência não passa dos gregos pelos escolásticos até os renascentistas, mas passa dos gregos pelos mouros e cabalistas até os renascentistas. O que renasce no Renascimento é mais o Platão cordobês, e menos o bizantino. E tal sugestão é indubitavelmente confirmada pelo estudo das "fontes".

O presente ensaio tomou tais considerações como seu ponto de partida, afim de apontar, desde logo, a profunda relação que liga as atuais pesquisas da teoria da comunicação com a crise epistemológica que é uma das características da ciência na atualidade. No seguinte sentido: Poucos afirmarão atualmente ser a natureza legível como um livro. Poucos dirão que os fenômenos naturais "significam" algo que é exterior à própria natureza. (O que equivale dizer que poucos crêm ser a natureza "conjunto significativo".) Mas isto não impede que a leitura da natureza seja continuada. Apenas muda de caráter. Se o modelo "livro" fôr mantido, o seguinte pode ser dito: a natureza é lida atualmente como se lê um livro para descobrir que tipo de máquina impressora o produziu, não para descobrir o significado de sua mensagem. Mas, obviamente, sob tal tipo de leitura o livro deixa de sê-lo. Porque resulta em "conhecimento", (episteme), diferente do "conhecimento" pretendido pelo autor do livro. Tal leitura é negação do autor, (ou pelo menos sua "suspensão"), e é o próprio livro enquanto fenômeno que é tomado como "mensagem", (é o próprio fenômeno que "fala"). Pois sob tal prisma a "crise epistemológica" é resultado da paulatina substituição da ontologia tradicional subjacente à ciência pela fenomenologia. E a teoria da comunicação pode contribuir para a compreensão e superação da crise, já que a sua problemática é fundamentalmente a mesma.

VILÉM FLUSSER

Do ponto de vista da teoria da comunicação têm as letras que compõem um livro pelo menos dois aspectos. Sob um dos aspectos são as letras sintomas daquilo que os produziu. (Por exemplo: de uma determinada impressora.) Sob tal aspecto livro é parte da natureza. Sob o outro aspecto são as letras e a estrutura na qual são compostas símbolos de algo. (Por exemplo: de determinada língua falada.) Sob tal aspecto livro é parte da cultura. Pois tal enfoque sugere imediatamente distinção específica entre natureza e cultura. "Natureza" passa a ser conjunto de fenômenos ligados entre si "sintomaticamente", e "cultura" conjunto de fenômenos ligados entre si "simbolicamente". Em outros termos: a comunicação natural é sintomática, e a comunicação cultural simbólica, e é o tipo de comunicação que fornece um critério para distinguir entre os dois reinos. E isto sugere por sua vez que o campo da competência da ciência "da natureza" é a comunicação sintomática, e o campo da competência da teoria da comunicação no sentido exato do termo é a comunicação simbólica, (outro chamado o campo da ciência "do espírito" ou "da cultura"). Em outros termos: As ciências "do espírito", "da cultura", as "humanidades", (ou não importa que outro título que queiramos dar a tais disciplinas), tratam de fenômenos enquanto símbolos, e adquirem rigor sob formas da teoria da comunicação, e as ciências da "natureza" tratam de fenômenos enquanto sintomas, e são rigorosas apenas se se restringem a isto. São duas maneiras distintas de leitura.

No entanto é claro desde já que a distinção assim sugerida entre natureza e cultura, e entre as disciplinas que tratam dos dois reinos, envolve graves problemas, e deve servir apenas de aproximação tentativa. No fundo, o critério da distinção é a praxis da leitura. Um dado fenômeno será "natural" se lido enquanto sintoma de outro, e "cultural" se lido enquanto símbolo de outro. O critério é frágil. E torna-se mais frágil ainda se analisado um pouco mais minuciosamente. Mas a análise se torna indispensável para a captação do problema epistemológico da atualidade.

Para lêr um determinado fenômeno enquanto sintoma de outro, devemos pressupôr cadeia de causa e efeito que une os dois: o fenômeno "sintoma" é efeito do fenômeno do qual é sintoma. Para lêr um determinado fenômeno enquanto símbolo de outro, devemos pressupôr convênio codificador: o fenômeno "significa" o outro apenas para quem admite o código do qual o símbolo faz parte. Embora, pois, as duas leituras sejam resultado de pressupostos, (e embora não haja, aparentemente, leitura "ingênua"), os dois pressupostos são incomparáveis. O pressuposto que permite lêr um fenômeno enquanto sintoma assume que há comunicação entre sintoma e sintomatizado ao mesmo nível da realidade. (A letra é sintoma da máquina impressora, porque os dois fenômenos ocorrem no mesmo nível da realidade.) Mas o pressuposto que permite lêr

VILÉM FLUSSER
um fenômeno enquanto símbolo assume que entre o símbolo e seu significado há mediação de um convênio, e que portanto os dois não ocorrem ao mesmo nível da realidade. (A letra é símbolo de um determinado som, porque assim foi convencionada, embora os dois fenômenos pertençam a realidades distintas.) Em outros termos: o sintoma se comunica imediatamente com o sintomatizado, ("apresenta" o sintomatizado), e o símbolo se comunica imediatamente com o significado, ("representa" o significado). Na leitura sintomática dos fenômenos não há, como na leitura simbólica, ruptura óptica entre o texto lido e a realidade apontada pelo texto.

Pois tal análise das duas leituras pode ser interpretada da seguinte maneira: a ruptura óptica que caracteriza a leitura simbólica é justamente o que caracteriza o "estar-no mundo" humano, isto é a "cultura". "Ruptura óptica" e "espírito" são sinônimos, embora ocorram em contextos diferentes. "Espírito" é como a ruptura óptica se objetiva, "ruptura óptica" é como o espírito se manifesta. De maneira que toda leitura simbólica tem o espírito por objeto. A leitura simbólica tornada auto-consciente na forma da teoria da comunicação é, potencialmente, "ciência do espírito = Geisteswissenschaft" rigorosa. A leitura sintomática, pelo contrário, é suspensão deliberada de toda problemática ontológica, e é por isto que tem por objeto a natureza. A leitura sintomática tornada auto-consciente é "ciência da natureza" rigorosa. De forma que as duas leituras fornecem "conhecimento", (episteme), distinto. Pela leitura sintomática se conhece o contexto do texto lido, pela simbólica o pretexto, (fundo), do texto lido. Em outros termos: o conhecimento fornecido pela ciência da natureza amplifica o plano da sua competência, e o conhecimento fornecido pela ciência do espírito é um constante extrapolar para fora do seu plano. Os dois conhecimentos obedecem a dois modelos diferentes: a um modelo plano o primeiro, a um tridimensional o outro. A crise epistemológica da atualidade é resultado de confusão entre os dois tipos de modelo. É o erro de querer "amplificar" o conhecimento pela ciência do espírito, e "aprofundá-lo" pela ciência da natureza. Distinção nítida entre os dois modelos, (as duas formas de leitura), superaria a crise.

Mas uma interpretação como esta é instantânea, porque toda distinção nítida entre os dois modelos, (as duas formas de leitura), é constantemente refutada pela praxis da leitura. No curso de toda leitura sintomática ocorrem sempre instantes nos quais o texto impõe ao leitor dimensão simbólica insofismável. E no curso de toda leitura simbólica o caráter sintomático do texto se impõe sobre o leitor constantemente. Este ensaio fornecerá exemplos disto. Mas deve apontar, desde já, a óbvia razão de tal impossibilidade prática de distinguir entre ciência da natureza e cultura. É essa: Todo símbolo é também sintoma, e todo sintoma pode ser simbolizado

VILÉM FLUSSER

Em outros termos: símbolos são sintomas convencionados, ou: cultura é natureza "espiritualizada". E: tôdos sintomas são simbolizáveis: a natureza tôda é culturalizável. De modo que quem lê sintomaticamente, (faz ciência da natureza), constantemente esbarra contra a tendência de simbolizar seu texto. (Lê a natureza como se fosse livro.) E quem lê simbolicamente, (faz ciência da cultura), constantemente esbarra contra o fato inescapável que seu texto é composto de sintomas. (Lê a cultura como fazendo parte da natureza). De forma que a tentativa de distinguir nitidamente entre as duas leituras é, a despeito de Snow, praticamente impossível.

É claro: o problema que as duas leituras colocam pode ser historicizado um pouco a maneira de Kelsen. Pode ser dito o seguinte: "História" é o processo pelo qual a leitura sintomática vai substituindo a simbólica paulatinamente. "No início", no momento no qual o homem se assume leitor do mundo, tôdo texto é lido simbolicamente. Tôdo fenômeno é lido como representando outro escondido mas apontado. Tôdo fenômeno é símbolo, (significativo), e "conhecer" é decodificar a mensagem do mundo. Em outros termos: o mundo está "cheio de deuses" os quais transparecem, "epifanein" pelos fenômenos lidos. Paulatinamente a dimensão simbólica dos fenômenos vai sendo "posta entre parenteses", (ausgeklammert), e seu caráter sintomático vai sendo descoberto. Destarte surge paulatinamente um nôvo tipo de "conhecimento". "Os deuses" se retiram paulatinamente do mundo, e este se torna sempre menos "significativo", na medida na qual vai sendo lido sintomaticamente. Assim vai surgindo, dentro do contexto que cerca o homem-leitor, o terreno crescente da natureza, o qual invade em tôdas as direções o contexto "primitivamente" tomado enquanto cultura em sua integridade. "História" seria pois paulatina naturalização da cultura por paulatina substituição da leitura simbólica pela sintomática, isto é: por paulatina substituição de ontologia por fenomenologia. Sob tal "visão histórica" os textos ainda lidos simbolicamente na atualidade seriam textos ainda não libertados de preconceitos codificantes. Em suma: a distinção entre natureza e cultura é provisória e finalmente tôdo texto será lido sintomaticamente, (tudo será explicado naturalmente). Um único exemplo poderá ilustrar tal "historicização" do problema. Os textos artísticos, que formam atualmente parte apreciável dos textos ainda lidos simbolicamente, serão, no futuro, lidos sintomaticamente. Isto é: explicados, não ~~estática~~ "significativamente", mas "naturalmente", por exemplo fisiologicamente, psicologicamente ou sociologicamente. Em outros termos: as obras de arte, como não importa que outro fenômeno, serão lidas, não como símbolos, mas como sintomas.

Deve ser confessado que o exemplo ilustrador da tese que acaba de

VILÉM FLUSSER

ser exposta foi escolhido para poder polemizar contra a tese. Porque não basta dizer que a tentativa de abolir o problema das duas leituras pela opção a favor da sintomática é altamente desagradável. Desagradável porque inverte a tese marxista, de acordo com a qual "história" é o processo pelo qual a natureza se espiritualiza e transforma em cultura. Desagradável porque afirma que a perda de significado é a medida do progresso. Desagradável porque tende a "explicar", portanto des-enigmatizar e em última análise destruir a arte. E desagradável por múltiplas razões semelhantes. Não basta dizer ser a tese desagradável, é preciso mostrar ser ela insustentável, e que o problema das duas leituras persiste a despeito dela.

Há várias estratégias para atacar a tese. O presente ensaio optará pela seguinte: procurará observar fenomenologicamente a praxis da leitura, na esperança de surpreender o choque entre as duas leituras em tal praxis. E tomará para tanto dois textos. Um, no qual tendemos atualmente para uma leitura sintomática: "pássaro construindo ninho". O outro, no qual tendemos atualmente para uma leitura simbólica: "pintura surrealista". Tendemos para tais duas leituras, porque para nós os dois textos fazem parte de dois contextos distintos. "Pássaro construindo ninho" faz parte do contexto da natureza, e a leitura biológica é competente para o texto. "Pintura surrealista" faz parte do contexto da cultura, e a leitura da crítica de arte é competente para o texto.

É claro: "pássaro construindo ninho" não é mais, para nós, sentença contida no livro da natureza. Neste sentido a tese a ser combatida é perfeitamente correta. Dizer que "pássaro" é símbolo de leveza, "ninho" símbolo do amor materno, e "construção de ninho" símbolo de trabalho dedicado, não seria atualmente considerada leitura adequada ao texto. Seria considerada leitura Kitsch, (ponto que será retomado mais tarde neste ensaio). Nem é mais possível, atualmente, leitura simbólica mais sofisticada que a proposta. Por exemplo a aristotélica que lê a construção do ninho como símbolo da justiça que estrutura a natureza, (diké), já que dentro de tal estrutura o lugar justo do pássaro é o ninho. Tal leitura, (e outras ainda mais refinadas), é atualmente impossível, porque para nós procurar por sentido nos fenômenos naturais é empresa enganada. Lemos o texto "pássaro construindo ninho" sintomaticamente. Por exemplo: os movimentos do pássaro são sintomas de certas funções glandulares, a forma do ninho é sintoma de determinada informação genética contida no pássaro, e o material do ninho é sintoma da ecologia da qual faz parte. Isto nos parece ser a leitura adequada ao texto, e a tese a ser combatida parece ser válida à primeira vista.

Mas não resiste à segunda vista. Se leio o movimento do pássaro como sintoma de funções glandulares, é que estou aceitando determinada convenção

VILÉM FLUSSER

da biologia, a qual, por sua vez, se baseia sôbte a convenção que estabeleceu o código da chamada "língua comum". Porque o fato é que, embora "pássaro construindo ninho" não seja mais para nós sentença contida no livro da natureza, continua sendo inevitavelmente sentença contida no discurso da biologia. Sem querer entrar no labirinto do positivismo lógico deve ser admitido que convenções culturais, e especialmente linguísticas, estruturam não importa que leitura, por sintomática que seja. Aliás, se digo "pássaro", e "construindo", e "ninho", estou recorrendo a símbolos linguísticos que representam os fenômenos que pretendo lêr enquanto sintomas. E se digo "sintoma", estou aceitando a convenção estabelecadora da cadeia causal, a qual não se distingue da "justiça aristotélica" ontologicamente. Em outros termos: Para lêr sintomas, devo dispôr de símbolos que os representem, e é isto no fundo o que pretende Husserl ao dizer que devem conceder "a palavra" aos fenômenos que nos cercam. A fenomenologia não pode substituir a ontologia, pode apenas "suspendê-la", porque a "ruptura ontológica" característica da leitura simbólica é característica de tóda atividade humana. Em suma: o homem simboliza sempre, inclusive quando lê sintomaticamente. A leitura simbólica é pois insuperável, e a praxis da leitura sintomática prova que a tese a ser combatida é insustentável.

É igualmente claro: "pintura surrealista" é pintura que quer ser lida simbolicamente. Isto a distingue, com efeito, de pintura "realista" e "hiper-realista" de um lado, e de "não-figurativa" do outro. (A "realista" finge apresentar fenômenos, a "hiper-realista" procura apresentar a essência escondida nos fenômenos, e a "não-figurativa" quer ser lida sintomaticamente.) Aliás, o próprio termo "surrealismo" conota a ruptura ontológica que se manifesta durante a leitura simbólica. Portanto querer lêr tais pinturas sintomaticamente parece ser tarefa semelhante à de querer ler livros para descobrir suas impressoras. Tal leitura parece, à primeira vista, desvirtuar a essência da pintura que é justamente a mensagem simbólica que transmite.

Mas a praxis da leitura de pinturas surrealistas desmente tal suposição em vários níveis. O que vemos ao lê-las são sintomas de determinados pinceis e determinadas tintas. É inegável que tal caráter sintomático é essencial para a mensagem da pintura em muitos aspectos. O que vemos ao lê-las são traços de gestos do pintor que são por sua vez sintomas de sua interioridade, (no sentido fisiológico, psicológico, cultural e outro do termo.) É inegável que tal caráter sintomático é essencial para a mensagem da pintura, e pode, em certos casos, desmentir a mensagem que o pintor pretendeu. O símbolo pode ser desmentido pelo seu aspecto sintomático: o gesto revela a mentira. Pois "mentira" em arte é Kitsch, e a leitura

VILÉM FLUSSER

sintomática de mensagem simbólica pode revelá-lo. (Como, conforme ficou dito, leitura simbólica de mensagem sintomática pode kitschizar o texto.) Finalmente o que vemos ao lêr tais pinturas é sintomático do esforço simbolizador do pintor: sua tentativa de pôr código novo. Tal novidade do código é justamente a dificuldade que a leitura de tais pinturas apresenta. Devemos aprender o código antes de poder lêr as pinturas. Pois antes de lê-las são as pinturas para nós "textos insignificativos", isto é: conjuntas compostos de sintomas. De maneira que a leitura de pinturas surrealistas ilustra que toda leitura simbólica pressupõe leitura sintomática, o que é obvio se considerarmos que todo símbolo pressupõe código de um lado, e fenômeno enquanto si toma do outro. Portanto: a tese a ser combatida é insustentável, já que a leitura simbólica não pode ser a "primitiva": a leitura sintomática é logicamente, e portanto historicamente, anterior a ela.

Eliminada a tese "historicizante" que procura obviar o problema posto pelas duas leituras, o problema volta a confrontar-nos em toda a sua brutalidade. Eis como pode ser formulado a esta altura do argumento: A nos sa circunstância, (inclusive nós próprios enquanto objetos), se nos apresenta como contexto composto de textos legíveis de duas maneiras. Se lidos sintomaticamente, os textos passam a ser, para nós, "insignificativos", e a nos sa circunstância adquire a dignidade ótica de "natureza". Teremos, sob tal leitura, conhecimento específico, "episteme", daquilo que nos cerca, a saber aquele conhecimento que caracteriza as ciências da natureza. Se lidos simbolicamente, os textos passam a ser, para nós, "significativos", e a nossa circunstância adquire a dignidade ótica de "cultura". Teremos, sob tal leitura, conhecimento, "episteme", distinto do primeiro, a saber aquele conhecimento que caracteriza as ciências da cultura, e o qual é formalizado e tornado rigoroso pela teoria da comunicação humana. As duas leituras se implicam mutuamente. A leitura sintomática pressupõe a simbólica: a "natureza" pressupõe a "cultura". E a leitura simbólica pressupõe a sintomática: a "cultura" pressupõe a "natureza". Em outros termos: o conhecimento fornecido pela ciência da natureza e o outro fornecido pela ciência da cultura, embora fundamentalmente distintos e irreduzíveis um sobre o outro, não podem existir um sem o outro. Eis como, do ponto de vista da teoria da comunicação, pode ser formulada a crise epistemológica da atualidade.

Não há como minimizar a crise. Com efeito: ela pode ser lida como sintoma de crise profunda do Ocidente. Mas o que a teoria da comunicação pode fazer é tornar conscientes os códigos sobre os quais símbolos não reconhecidos como tais se fundamentam. (Porque a maioria dos textos simbólicos que nos cercam é convencionalizada inconscientemente, de maneira que crêmos lê-los sintomaticamente, quando de fato os lêmos simbolicamente.) Isto é, creio,

VILÉM FLUSSER

uma das tarefas principais da teoria da comunicação, e uma das razões porque tal teoria surgiu exatamente na conjuntura histórica presente. Em outras palavras: uma das tarefas da teoria da comunicação é ensinar-nos como lêr sintomas. Assim: descobrir, em tódo texto que nos é proposto, o código que o fundamenta, e depois "suspêndê-lo". "Suspêndê-lo", e não abolí-lo, porque tal abolição é humanamente impossível. Pela razão simples que tódo texto que nos é proposto é texto "para nós", faz parte da nossa "Lebenswelt", e portanto "significativo". O caráter simbólico da nossa circunstância é dado pela nosso "estar-no-mundo" humano, mas é possível empurrar, por suspensão, tal caráter simbólico para sempre mais longe do nosso horizonte, sem jamais poder eliminá-lo. É assim que devemos poder lêr sintomaticamente: empurrando o caráter simbólico da nossa circunstância para sempre mais longe, e destarte adquirir o tipo de conhecimento fornecido pela ciência da natureza, conscientês embora da dependência de tal conhecimento do fundo simbólico sobre o qual repousamos enquanto "leitores do mundo", (existências humanas). Em outros termos: a teoria da comunicação pode ajudar-nos a lêr o mundo sintomaticamente, (como conjunto de problemas a serem resolvidos), mas com humildade resultante do saber que no fundo o mundo se impõe como contexto simbólico, (como conjunto de enigmas a serem decifrados). Talvez tal humildade seria uma forma de superação da crise?

Voltemos para o ponto de partida deste ensaio. Por certo: o mundo da natureza não é mais, para nós os atuais, livro. É contexto de textos a serem lidos sintomaticamente, (contexto "insignificativo"). Mas continua sendo contexto legível, porque nós somos e continuamos sendo "leitores": transformamos tudo que se nos apresenta em texto. E fazemos isto, porque no fundo somos codificadores codificados. Embora portanto a natureza não seja mais livro, continua legível porque nós somos livros que fazem livros. O Alcorão novamente, empurrado para um pouco mais longe? Ou a "mathesis universalis" husserliana? Mas tal pergunta os horizontes do conhecimento que nos são impostos. É de "bôa estratégia" admiti-lo.